



EX-LIBRIS



BORBA
ALVES DE
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

P
A
d

44528

CRUZ E SOUZA



BROQUEIS



Magalhães & C^ª – Editores

23 Rua da Assembléa 23

LIVRARIA MODERNA

RIO DE JANEIRO



1893

BROQUEIS

CRUZ E SOUZA

BROQUEIS



RIO DE JANEIRO
Magalhães & C^a — Editores
23 Rua da Assembléa 23
LIVRARIA MODERNA

—
1893

Seigneur, mon Dieu ! accordez-moi la
grace de produire quelques beaux vers qui
me prouvent à moi-même que je ne suis
pas le dernier des hommes, que je ne suis
pas inférieur à ceux que je méprise.

BEAUDELAIRE.



ANTIPHONA

*O' Fôrmas alvas, brancas, Fôrmas claras
De luas, de neves, de neblinas!...
O' Fôrmas vagas, fluidas, crystalinas...
Incensos dos thuribulos das aras...*

*Fôrmas do Amor, constellarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mândidas frescuras
E dolencias de lyrios e de rosas...*

*Indefiniveis musicas suprêmas,
Harmonias da Cór e do Perfume...
Horas do Occaso, tremulas, extrêmas,
Requiem do Sol que a Dôr da Luz resume...*

*Visões, psalmos e canticos serenos,
Surdinas de orgãos flébeis, soluçantes...
Dormencias de volupicos venenos
Subtis e suaves, mórbidos, radiantes...*

*Infinitos espiritos dispêrsos,
Ineffaveis, edénicos, aéreos,
Fecundai o Mysterio destes versos
Com a chamma ideal de todos os mysterios.*

*Do Sonho as mais azues diaphaneidades
Que fúljam, que na Estrophe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.*

*Que o póllen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflamme a rima clara e ardente...
Que brilhe a correcção dos alabastros
Sonóramente, luminosamente.*

*Forças originaes, essencia, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse effluvio que por ondas passa
Do Éther nas roseas e aureas correntezas...*

*Crystaes diluidos de clarões alacres,
Desejos, vibrações, ancias, alentos,
Fulvas victorias, triumphamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...*

*Flôres negras do tédio e flôres vagas
De amôres vãos, tantalicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...*

*Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões chiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropél cabalístico da Morte...*



SIDERAÇÕES

Para as Estrellas de crystaes gelados
As ancias e os desejos vão subindo,
Galgando azues e sideraes noivados
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

N'um cortejo de canticos alados
Os archanjos, as cytharas ferindo,
Passam, das vestes nos trophéus prateados,
As azas de ouro finamente abrindo...

Dos ethéreos thuribulos de neve
Claro incenso aromal, limpido e leve,
Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ancias e os desejos infinitos
Vão com os archanjos formulando ritos
Da Eternidade que nos Astros canta...



LÉSBIA

Cróton selvagem, tinhorão lascivo,
Planta mortal, carnívora, sangrenta,
Da tua carne bacchica rebenta
A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse labio mordente e convulsivo,
Ri, ri risadas de expressão violenta
O Amor, trágico e triste, e passa, lenta,
A morte, o espasmo gélido, aflictivo...

Lésbia nervosa, fascinante e doente,
Cruel e demoniaca serpente
Das flammejantes attracções do goso.

Dos teus seios acídulos, amargos,
Flúem capros arômas e os lethargos,
Os ópios de um luar tuberculoso...



MUMIA

Mumia de sangue e lama e terra e treva,
Podridão feita deusa de granito,
Que surges dos mysterios do Infinito
Amamentada na lascivia de Éva.

Tua bocca voraz se farta e céva
Na carne e espalhas o terror maldito,
O grito humano, o doloroso grito
Que um vento estranho para os limbos léva.

Barathros, cryptas, dédalos atrózes
Escancaram-se aos tétricos, férozes
Uivos tremendos com luxuria e cio...

Ris a punhaes de frígidos sarcasmos
E deve dar congélidos espasmos
O teu beijo de pedra horrendo e frio!...



EM SONHOS...

Nos santos oleos do luar, floria
Teu corpo ideal, com o resplendôr da Hellade...
E em toda a ethérea, branda claridade
Como que erravam fluidos de harmonia...

As Aguias immortaes da Phantasia
Déram-te as azas e a serenidade
Para galgar, subir á Immensidade
Onde o clarão de tantos sóes radia.

Do espaço pelos lípidos velinos
Os Astros viéram claros, crystalinos,
Com chammas, vibrações, do alto, cantando...

Dos santos oleos no luar envôlto
Teu corpo éra o Astro nas esphéras sôlto,
Mais Sóes e mais Estrellas fecundando !



LUBRICIDADE

Quizéira ser a sérpe venenosa
Que dá-te medo e dá-te pezadellos
Para envolver-me, ó Flôr maravilhosa,
Nos flavos turbilhões dos teus cabellos.

Quizéira ser a sérpe velludosa
Para, enroscada em multiplos novellos,
Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa
E babujal-os e depois mordêl-os...

Talvez que o sangue impuro e flammejante
Do teu languido corpo de bacchante,
Da langue ondulação de aguas do Rheno

Estranhamente se purificasse...
Pois que um veneno de áspide vorace
Deve ser morto com igual veneno...



MONJA

O' Lua, Lua triste, amargurada,
Phantasma de brancuras vaporosas,
A tua nivea luz ciliciada
Faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas floridas seáras ondulosas,
Cuja folhagem brilha phosphoreada,
Passam sombras angélicas, nivosas,
Lua, Monja da cella constellada.

Philtros dormentes dão aos lagos quiétos,
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
Que vão pelo ar, noctambulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,
Parece que abres para mim os braços,
Fria, de joelhos, trémula, rezando...



CHRISTO DE BRONZE

O' Christos de ouro, de marfim, de prata,
Christos ideaes, serenos, luminosos,
Ensanguentados Christos dolorosos
Cuja cabeça a Dôr e a Luz retrata.

O' Christos de altivez intemerata,
O' Christos de metaes estrepitosos
Que gritam como os tigres venenosos
Do desejo carnal que enérva e mata.

Christos de pedra, de madeira e barro...
O' Christo humano, esthetico, bizarro,
Amortalhado nas fataes injurias...

Na rija cruz aspérrima pregado
Canta o Christo de bronze do Peccado,
Ri o Christo de bronze das luxurias!...

Crustas de yf



CLAMANDO...

Barbaros vãos, demêntes e terriveis
Bonzos tremendos de ferrenho aspecto,
Ah! deste ser todo o clarão secréto
Jamais poude inflammar-vos, Impassiveis !

Tantas guerras bizarras e incoerciveis
No tempo e tanto, tanto immenso affecto,
São para vós menos que um verme e insecto
Na corrente vital pouco sensiveis.

No entanto nessas guerras mais bizarras
De sol, clarins e rútilas fanfarras,
Nessas radiantes e profundas guerras...

As minhas carnes se dilaceraram
E vão, das Illusões que flammejaram,
Com o proprio sangue fecundando as terras.



BRAÇOS

Braços nervosos, brancas opulencias,
Brumaes brancuras, fúlgidas brancuras,
Alvuras castas, virginaes alvuras,
Lactescencias das raras lactescencias.

As fascinantes, mórbidas dormencias
Dos teus abraços de lethaes fléxuras,
Produzem sensações de agres torturas,
Dos desejos as mórnas florescencias.

Braços nervosos, tentadôras sérpes
Que prendem, tetanizam como os hérpes,
Dos delyrios na trémula cohórte...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,
Braços de estranhas correccões marmoreas,
Abertos para o Amor e para a Morte !



REGINA CÆLI

O' Virgem branca, Estrella dos altares,
O' Rosa pulchra dos Rosaes polares !

Branca, do alvor das ámbulas sagradas
E das niveas camelias regeladas.

Das brancuras da sêda sem desmaios
E da lua de linho em nimbo e raios.

Regina Cœli das sidéreas flôres,
Hostia da Extrema-Unção de tantas dôres.

Ave de prata e azul, Ave dos astros...
Santélmo accêso, a scintillar nos mastros...

Gondola ethérea de onde o Sonho emerge...
Agua Lustral que o meu Peccado aspérge.

Bandolim do luar, Campo de giésta,
Egreja matinal gorgoiando em festa.

Arôma, Côr e Som das Ladainhas
De Maio e Vinha verde d'entre as vinhas.

Dá-me, atravez de canticos, de rézas,
O Bem, que almas acérbas torna illésas.

O Vinho d'ouro, ideal, que purifica
Das seivas juvenis a força rica.

Ah ! faz surgir, que bróte e que florêsça
A Vinha d'ouro e o vinho resplandêsça.

Pela Graça immortal dos teus Reinados
Que a Vinha os fructos desabroche iriados.

Que fructos, flôres, essa Vinha bróte
Do céo sob o estrellado chamalóte.

Que a luxuria poreje de aureos cachos
E eu um vinho de sol beba aos riachos.

Virgem, Regina, Eucharistia, Coeli,
Vinho é o clarão que ao teu Amor impéle.

Que desabrócha ensangentadas rosas
Dentro das naturezas luminosas.

O' Regina do Mar ! Coeli ! Regina !
O' Lampada das naves do Infinito !
Todo o Mysterio azul desta Surdina
Vem d'estranhos Missaes de um novo Rito !...





SONHO BRANCO

De linho e rosas brancas vaes vestido,
Sonho virgem que cantas no meu peito !...
És do Luar o claro deus eleito,
Das estrellas purissimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,
Alvo, sereno, limpido, direito,
Ségues, radiante, no esplendor perfeito,
No perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...
E as vestes frescas, do mais puro linho
E as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, ó Sonho branco de kermésse!
Nessa alegria em que tu vaes, parece
Que vaes infantilmente amortalhado !



CANÇÃO DA FORMOSURA

Vinho de sol ideal canta e scintilla
Nos teus olhos, scintilla e aos labios désce,
Désce á bocca cheirosa e a empurpurésce,
Scintilla e canta apoz d'entre a pupilla.

Sóbe, cantando, á limpidez tranquilla
Da tu'alma estrellada e resplandésce,
Canta de novo e na doirada mésse
Do teu amor, se perpetúa e trilla...

Canta e te alaga e se derrama e alaga...
N'um rio de ouro, iriante, se propaga *
Na tua carne alabastrina e pura.

Scintilla e canta, na canção das côres,
Na harmonia dos astros sonhadôres,
A Canção immortal da Formosura !



TORRE DE OURO

Desta torre desfraldam-se altaneiras,
Por sóes de céus immensos broqueladas,
Bandeiras reaes, do azul das 'madrugadas
E do iris flammejante das poncheiras.

As torres de outras regiões primeiras
No Amor, nas Glorias vans arrebatadas,
Não elévam mais alto, desfraldadas,
Bravas, triumphantes, immortaes bandeiras.

São pavilhões das hóstes fugitivas,
Das guerras acres, sanguinarias, vivas,
Da luta que os Espiritos ufana.

Estandartes heróicos, palpitantes,
Vendo em marcha passar aniquilantes
As tôrvas catapultas do Nirvana!



CARNAL E MYSTICO

Pelas regiões tenuíssimas da bruma
Vagam as Virgens e as Estrellas raras...
Como que o leve arôma das seáras
Todo o horisonte em derredór perfuma.

N'uma evaporação de branca espuma
Vão diluindo as perspectivas claras...
Com brilhos crús e fúlgidos de tiáras
As Estrellas apagam-se uma a uma.

E então, na treva, em mysticas dormencia
Desfila, com sidéreas lactescencias,
Das Virgens o somnambulo cortejo...

O' Fórmias vagas, nebulosidades !
Essencia das eternas virgindades !
O' intensas chiméras do Desejo...



A DÔR

Tôrva Babel das lagrimas, dos gritos,
Dos soluços, dos ais, dos longos brados,
A Dôr galgou os mundos ignorados,
Os mais remótos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,
Avassallára os povos condemnados,
Pela treva, no horrôr, desesperados,
Na convulsão de Tantalo's afictos.

Por businas e trômpas assoprando
As gerações vão todas proclamando
A grande Dôr aos frígidos espaços...

E assim parécem, pelos tempos mudos,
Raças de Prometheus titaneos, rudos,
Brutos e colossaes, torcendo os braços !



ENCARNAÇÃO

Carnaes, sejam carnaes tantos desejos,
Carnaes, sejam carnaes tantos anceios,
Palpitações e frém̃itos e enleios,
Das harpas da emoção tantos harpejos...

Sonhos, que ṽão, por tremulos adejos,
A' noite, ao luar, entumescer os seios
Lacteos, de finos e azulados veios
De virgindade, de pudôr, de pejos...

Sejam carnaes todos os sonhos brumos
De estranhos, vagos, estrellados rumos
Onde as Visões do amor dórmem geladas..

Sonhos, palpitações, desejos e ancias
Fórmem, com claridades e fragrancias,
A encarnação das lividas Amadas !



SONHADOR

Por sóes, por bellos sóes alviçareiros,
Nos trophéus do teu Sonho irás cantando,
As purpuras romanas arrastando,
Engrinaldado de immortaes loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,
Das Idéas as lanças sopesando,
Verás, a pouco e pouco, desfillando
Todos os teus desejos condoreiros...

Immaculado, sobre o lôdo immundo,
Ha de subir, com as vivas castidades,
Das tuas glorias o clarão profundo.

Ha de subir, além de eternidades,
Diante do tórvo crocitar do mundo,
Para o branco Sacrario das Saudades !



NOIVA DA AGONIA

Tremula e só, de um tumulto surgindo,
Apparição dos êrmos desolados,
Trazes na face os frios tons magoados
De quem anda por tumulos dormindo...

A alta cabeça no esplendor, cingindo
Cabellos de refléxos irisados,
Por entre auréolas de clarões prateados,
Lembras o aspecto de um luar diluindo...

Não és, no entanto, a tôrva Morte horrend
Atra, sinistra, gélida, tremenda,
Que as avalanches da Illusão govérna...

Mas ah ! és da Agonia a Noiva triste
Que os longos braços lividos abriste
Para abraçar-me para a Vida eterna !



LUA

Clamydes frescas, de brancuras frias,
Finissimas dalmáticas de neve
Véstem as longas arvores sombrias,
Surgindo a Lua nebulosa e leve...

Névoas e névoas frígidas ondulam...
Alagam lacteos e fulgentes rios
Que na enluarada refração trémulam
D'entre phosphorescencias, calafrios...

E ondulam névoas, setinosas rêndas
De virginaes, de prónubas alvuras...
Vagam balladas e visões e lêndas
No flórido noivado das Alturas...

E fria, fluente, frouxa claridade
Fluctúa como as brumas de um lethargo...
E érra no espaço, em toda a immensidade,
Um sonho doente, cilicioso, amargo...

Da vastidão dos páramos serenos,
Das sideraes abobadas ceruleas
Cae a luz em antiphonas, em thrênos;
Em mysticismos, orações e dúlias...

E entre os marfins e as pratas diluidas
Dos languidos clarões tristes e enfêrmos,
Com grinaldas de rôxas margaridas
Vagam as Virgens de scysmares êrmos...

Cabellos torrencias e dolorosos
Bóiam nas ondas dos ethéreos gêlos.
E os corpos passam niveos, luminosos,
Nas ondas do luar e dos cabellos...

Vagam sombras gentis de mortas, vagam
Em grandes procissões, em grandes alas,
Dentre as auréolas, os clarões que alagam,
Opulencias de pérolas e opalas.

E a Lua vae chlorótica fulgindo
Nos seus alpérces ethereaes e brancos,
A luz gelada e pallida diluindo
Das serranias pelos largos flancos...

O' Lua das magnolias e dos lyrios !
Geleira sideral entre as geleiras !
Tens a tristeza mórbida dos cyrios
E a lividez da chamma das poncheiras !

Quando resúrges, quando brilhas e amas,
Quando de luzes a amplidão constéllas,
Com os fulgôres glaciaes que tu derramas
Dás febre e frio, dás nevrôse, gélas...

A tua dôr crystallizou-se outr'ora
Na dôr profunda mais dilacerada
E das dôres estranhas, ó Astro, agora,
És a suprema Dôr crystalisada !...



SATAN

Capro e revél, com os fabulosos córnos
Na fronte real de rei dos reis vetustos,
Com bizarros e lubricos contórnos,
Eil-o Satan d'entre os Satans augustos.

Por verdes e por bacchicos adórnos
Vae c'roado de pampanos venustos
O deus pagão dos Vinhos acres, mórnos,
Deus triumphador dos triumphadores justos.

Archangélico e audaz, nos sóes radiantes,
A' purpura das glorias flammejantes,
Alarga as azas de relêvos bravos...

O Sonho agita-lhe a immortal cabeça...
E sôlta ao sóes e estranha e ondeada e espé
Canta-lhe a juba dos cabellos flavos !



BELLEZA MORTA

De leve, louro e enlanguescido heliantho
Tens a flórea dolencia contristada...
Ha no teu riso amargo um certo encanto
De antiga formosura desthronada.

No corpo, de um lethargico quebranto,
Corpo de essencia fina, delicada,
Sente-se ainda o harmonioso canto
Da carne virginal, clara e rosada.

Sente-se o canto errante, as harmonias
Quasi apagadas, vagas, fugidias
E uns restos de clarão de Estrella accêsa...

Como que ainda os derradeiros haustos
De opulencias, de pompas e de faustos,
As reliquias saudosas da beleza.



AFRA

Resurges dos mystérios da luxuria,
Afra, tentada pelos verdes pômos,
Entre os sylphos magnéticos e os gnômos
Maravilhosos da paixão purpurea.

Carne explosiva em polvoras é furia
De desejos pagãos, por entre assômos
Da virgindade — casquinantes mômicos
Rindo da carne já votada á incuria.

Votada cêdo ao languido abandono,
Aos mórbidos deliquios como ao somno,
Do gozo haurindo os venenosos succos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,
A proclamar, impávida, por trompas,
Amores mais estéreis que os eunúchos!



PRIMEIRA COMMUNHÃO

Grinaldas e véos brancos, véos de neve,
Véos e grinaldas purificadôres,
Vão as Flôres carnaes, as alvas Flôres
Do Sentimento delicado e leve.

Um luar de pudôr, sereno e breve,
De ignótos e de prónubos pudôres,
Érra nos pulchros, virginaes brancôres
Por onde o Amor párabolas descréve...

Luzes claras e augustas, luzes claras
Douram dos templos as sagradas aras,
Na communhão das niveas hostias frias...

Quando seios pubentes estremecem,
Sylphos de sonhos de volupia crêcem,
Ondulantes, em fórmias alvadias...



JUDIA

Ah ! Judia ! Judia impenitente !
De êrma e de turva região sombria
De areia fulva, barbara, inclemente,
N'uma desolação, chegaste um dia...

Travez o céo mais tórrido, mais quente,
Onde a luz mais flammivoma radia,
A voz dos teus, nostalgica, plangente,
Vibrou, chorou, clamou por ti, Judia !

Ave de melancolicos mysterios,
Rufaste as azas por Azues sidéreos,
Ébria dos vicios celebres que salvam...

Para alguns corações que ainda te buscam
És como os sóes que rútilos coruscam
E a tôrva terra do deserto escalvam!



VÊLHAS TRISTEZAS

Diluencias de luz, velhas tristezas
Das almas que Morrêram para a luta !
Sois as sombras amadas de bellezas
Hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmuríos incognitos de gruta
Onde o Mar canta os psalmos e as rudezas
Dê obscuras religiões—voz impolluta
De todas as titanicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,
Paixões que fôram já dóceis amigas,
Na luz de etérnos sóes glorificadas.

Alegrias de ha tempos! E hoje e agora,
Velhas tristezas que se vão embóra
No poente da Saudade amortalhadas!...

•



VISÃO DA MORTE

Olhos voltados para mim e abertos
Os braços brancos, os nervosos braços,
Vens d'espacos estranhos, dos espacos
Infinitos, intérminos, desertos...

Do teu perfil os timidos, incertos
Traços indefinidos, vagos traços
Deixam, da luz nos ouros e nos aços,
Outra luz de que os céos ficam cobertos.

Deixam nos céos uma outra luz mortuaria,
Uma outra luz de lividos martyrios,
De agonias, de magoa funeraria...

E causas febre e horrôr, frio, delyrios,
O' Noiva do Sepulchro, solitaria,
Branca e sinistra no clarão dos cyrios!



DEUSA SERENA

Espiritualisante Formosura
Gerada nas Estrellas impassiveis,
Deusa de fórmias bíblicas, fléxiveis,
Dos effluvios da graça e da ternura.

Assucena dos valles da Escriptura,
Da alvura das magnolias marcessiveis,
Branca Via-Lactea das indefniveis
Brancuras, fonte da immortal brancura.

Não veio, é certo, dos paúes da terra
Tanta belleza que o teu corpo encérria,
Tanta luz de luar e paz saudosa...

Vem das constellações, do Azul do Oriente,
Para triumphar maravilhosamente
Da belleza mortal e dolorosa !



TULIPA REAL

Carne opulenta, magestosa, fina,
Do sol gerada nos febris carinhos,
Ha musicas, ha canticos, ha vinhos
Na tua estranha bocca sulpherina.

A fórma delicada e alabastrina
Do teu corpo de limpidos arminhos
Tem a frescura virginal dos linhos
E da neve polar e crystalina.

Deslumbramento de luxúria e goso
Vem dessa carne o travo aciduloso
De um fructo aberto aos tropicaes mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...
E os reis dórmem bizzaros e sanguineos
Na sêda branca e pulchra dos teus braços.



APPARIÇÃO

Por uma estrada de astros e perfumes
A Santa Virgem veio ter commigo :
Doiravam-lhe o cabello claros lumes
Do sacrosanto resplendôr antigo.

Dos olhos divinaes no doce abrigo
Não tinha laivos de Paixões e ciumes :
Domadôra do Mal e do perigo
Da montanha da Fé galgára os cúmes.

Vestida na alva excélsa dos Prophétas
Fallou na ideal resignação de Ascétas,
Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos d'Ella vascillavam,
Pelo mysterio, pela dôr fluctuavam,
Vagos e tristes, apezar de Santa!



VESPERAL

Tardes de ouro para harpas dedilhadas
Por sacras solemnidades
De cathedraes em pômpa, illuminadas
Com rituaes magestades.

Tardes para quebrantos e surdinas
E psalmos virgens e cantos
De vozes celestiaes, de vozes finas
De surdinas e quebrantos...

Quando atravez de altas vidraçarias
De estylos gothicos, graves,
O sol, no poente, abre tapeçarias,
Resplandescendo nas naves...

Tardes augustas, biblicas, serenas,
Com silencio de ascetérios
E arômas leves, castos, de assucênas
Nos claros ares sidéreos...

Tardes de campos repousados, quiétos,
Nos longes emocionantes...
De rebanhos saudosos, de secrétos
Desejos vagos, errantes...

O' Tardes de Beethoven, de sonatas,
De um sentimento aéreo e velho...
Tardes da antiga limpidez das pratas,
De Epistolas do Evangélho !...



DANÇA DO VENTRE

Tôrva, febril, torcicolosamente,
N'uma espiral de electricos volteios,
Na cabeça, nos olhos e nos seios
Fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah ! que agonia tenebrosa e ardente !
Que convulsões, que lubricos anceios,
Quanta volupia e quantos bamboleios,
Que brusco e horrivel sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo
Como reptil abjecto sobre o lôdo,
Espolinhando e retorcido em furia.

Éra a dança macabra e multifórme
De um verme estranho, colossal, enorme,
Do demonio sangrento da luxuria !



FÆDERIS ARCA

Visão que a luz dos Astros louros trazes,
Papoula real tecida de neblinas
Leves, ethéreas, vaporosas, finas,
Com arômas de lyrios e lilazes.

Brancura virgem do crystal das phrases,
Neve serena das regiões alpinas,
Willis juncal de mãos alabastrinas,
De fugitivas correcções vivazes.

Florésces no meu Verso como o trigo,
O trigo de ouro d'entre o sol floréscce
E és a suprêma Religião que eu sigo...

O Missal dos Missaes, que resplandésce,
A egreja soberana que eu bemdigo
E onde murmuro a solitaria préce !...



TUBERCULOSA

Alta, a frescura da magnolia fresca,
Da côr nupcial da flôr da laranjeira,
Doces tons d'ouro de mulher tedesca
Na velludosa e flava cabelleira.

Raro perfil de marmores exactos,
Os olhos de astros vivos que flammejam,
Davam-lhe o aspecto excentrico dos cactus.
E esse alado das pombas, quando adejam...

Radiava n'ella a incomparavel messe
Da saude brotando vigorosa,
Como o sol que entre névoas resplandésce,
Por entre a fina pelle côr de rosa.

Éra assim luminosa e delicada,
Tão nobre sempre de belleza e graça
Que recordava pompas de alvorada,
Sonoridades de crystaes de taça.

Mas, pouco a pouco, a ideal delicadeza
D'aquelle corpo virginal e fino,
Sacratio da mais limpida belleza,
Perdeo a graça e o brilho diamantino.

Tysica e branca, esbélta, frigida e alta
E fraca e magra e transparente e esguia,
Tem agora a feição de ave pernalta,
De um passaro alvo de apparencia fria.

Mãos lyriaes e diaphanas, de neve,
Rosto onde um sonho aéreo e polar fluctúa,
Ella apresenta a fluidez, a leve
Ondulação da vaporosa lua.

Entre vidraças, como n'uma estufa,
No inverno glacial de vento e chuva
Que sobre as telhas tamborila e rufa,
Vejo-a, talhada em nitidez de luva...

E faz lembrar uma exquisita planta
De profundos pomares fabulosos
Ou a angélica imagem de uma Santa
D'entre a auréola de nimbos religiosos.

A enfermidade vae-lhe, palmo a palmo,
Ganhando o corpo, como n'um terreno...
E com preludios mysticos de psalmo
Cae-lhe a vida em crepusculo sereno.

Jamais ha de ella ter a côr saudavel
Para que a carne do seu corpo góse,
Que o que tinha esse corpo de ineffavel
Crystalisou-se na tuberculose.

Fóge ao mundo fatal, arbusto débil,
Monja magoada dos estranhos ritos,
O' tremula harpa soluçante, flébil,
O' soluçante, flébil eucalyptus...





FLOR DO MAR

És da origem do mar, vens do secréto,
Do estranho mar espumaroso e frio
Que põe rêde de sonhos ao navio
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possúes do mar o deslumbrante affecto,
As dormencias nervosas e o sombrio
E tórvo aspecto atterrador, bravio
Das ondas no atro e procelloso aspecto.

N'um fundo ideal de purpuras e rosas
Surges das aguas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o efflorescer das vinhas,
Auroras, virgens musicas marinhas,
Acre arômas de algas e sargaços...



DILACERAÇÕES

O' carnes que eu amei sangrentamente,
O' volupias lethaes e dolorosas,
Essencias de heliotrópos e de rosas
De essencia mórna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente
Do Sonho e das Estrellas fabulosas,
Carnes acérbas e maravilhosas,
Tentadôras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zêlos,
Atravez dos profundos pezadellos
Que me apunhalam de mortaes horrôres...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,
Em lagrimas, em prantos, em lamentos,
Em ais, em luto, em convulsões, em dôres...



REGENERADA

De mãos póstas, á luz de frouxos cyrios
Rézas para as Estrellas do Infinito,
Para os Azues dos sideraes Empyreos
Das Orações o doloroso rito.

Todos os mais reconditos martyrios,
As angustias mortaes, teu labio afflicto
Soluça, em préces de luar e lyrios,
N'um trémulo de phrases inaudito.

•

Olhos, braços e labios, mãos e seios,
Presos d'estranhos, mysticos enleios,
Já nas Magoas estão divinizados.

Mas no teu vulto ideal e penitente
Paréce haver todo o calôr vehemente
Da fébre antiga de gentis Peccados.



SENTIMENTOS CARNAES

Sentimentos carnaes, esses que agitam
Todo o teu ser e o tornam convulsivo...
Sentimentos indómitos que gritam
Na febre intensa de um desejo altivo.

Ancias mortaes, angustias que palpitam,
Vans dilacerações de um sonho esquivo,
Perdido, errante, pelos céus , que fitam
Do alto, nas almas, o tormento vivo.

Vans dilacerações de um Sonho estranho,
Errante, como ovelhas de um rebanho,
Na noite de hostias de astros constellada...

Errante, errante, ao turbilhão dos ventos,
Sentimentos carnaes, vãos sentimentos
De chamma pelos tempos apagada...



CRYSTAES

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
Na dolencia velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.

Éra um som feito luz, éram volatas
Em languida espiral que illuminava,
Branças sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolisava.

Philtros subtis de melodias, de ondas
De cantos voluptuosos como rondas
De sylphos leves, sensuaes, lascivos...

Como que anceios invisiveis, mudos,
Da brancura das sêdas e velludos,
Das virgindades, dos pudôres vivos.



SYMPHONIAS DO OCCAÇO

Musselinosas como brumas diurnas
Dêscem do occaso as sombras harmoniosas,
Sombras veladas e musselinosas
Para as profundas solidões nocturnas.

Sacrarios virgens, sacrosantas urnas,
Os céos resplendem de sidéreas rosas,
Da Lua e das Estrellas magestosas
Illuminando a escuridão das furnas.

Ah ! por estes symphonicos occasos
A terra exhala arômas de aureos vasos
Incensos de thuribulos divinos.

Os plenilunios mórbidos vapóram...
E como que no Azul plangem e chór
Cytharas, harpas, bandolins, violinos.



REBELLADO

Ri tua face um riso acérbo e doente,
Que fére, ao mesmo tempo que contrista...
Riso de atheu e riso de bhudista
Gelado no Nirvana impenitente.

Flôr de sangue, talvez, e flôr dolente
De uma paixão espiritual de artista,
Flôr de Peccado sentimentalista
Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma sombria de tranquillo ascéta
Bebeste, entanto, a morbidez secreta
Que a fébre das insanias adorméce.

Mas no teu labio convulsivo e mudo
Mesmo até riem, com desdens de tudo,
As syllabas symbolicas da Préce !



MUSICA MYSTERIOSA...

Tenda de Estrellas niveas, refulgentes,
Que abris a doce luz de alampadarios,
As harmonias dos Estradivarius
Érram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluidicos, diluentes
Dos Astros, pelos trémulos velarios,
Cantam Sonhos de mysticos templarios,
De ermitões e de ascétas réverentes...

Canticos vagos, infinitos, aéreos
Fluir parecem dos Azues ethereos,
D'entre os nevoeiros do luar fluindo...

E vae, de Estrella á Estrella, á luz da
Na lactea claridade que fluctúa,
A surdina das lagrimas subindo...



SERPENTE DE CABELLOS

A tua trança negra e desmanhada
Por sobre o corpo nú, tórso inteiriço,
Claro, radiante de esplendor e viço,
Ah ! lembra à noite de astros apagada.

Luxuria deslumbrante e avelludada
Atravez desse marmore macisso
Da carne, o meu olhar n'ella espreguiço
Felinamente, nessa trança ondeada.

E fico absôrto, n'um torpôr de cõma,
Na sensação narcótica do arõma,
D'entre a vertigem túrbida dos zêlos.

Es a origem do Mal, és a nervosa
Serpente tentadõra e tenebrosa,
Tenebrosa serpente de cabellos !...



POST MORTEM

Quando do amor das Fórmas ineffaveis
No teu sangue apagar-se a immensa chamma,
Quando os brilhos estranhos e variaveis
Esmorecerem nos trophéus da Fama.

Quando as niveas Estrellas inviolaveis,
Doce velario que um luar derrama,
Nas clareiras azues illimitaveis
Clamarem tudo o que o teu Verso clama.,

Já terás para os bárathros descido,
Nos cilícios da Morte revestido,
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poêmas:
Pelo alto ficarão de éras supremas
Nos relêvos do Sol eternisados !



ALDA

Alva, do alvôr das límpidas geleiras,
Desta resumbra candidez de arômas...
Parece andar em nichos e redômas
De Virgens medievaes que fôram freiras.

Alta, feita no talhe das palmeiras,
A côma de ouro, com o setim das cômas,
Branco esplendor de faces e de pômas,
Lembra ter azas e azas condoreiras.

Passaros, astros, canticos, incensos
Fórmam-lhe auréolas, sóes, nimbos immensos
Em torno á carne virginal e rara.

Alda faz meditar nas monjas alvas,
Salvas do Vicio e do Peccado salvas,
Amórtalhadas na pureza clara.



ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, n'um riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, n'um riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dôr violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta clown, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pédem-te bis e um bis não se despreza !
Vamos ! retéza os musculos, retéza
Nessas macabras piruêtas d' aço...

E embóra cáias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri ! Coração, tristissimo palhaço



ANGELUS...

Ah ! lilazes de Angelus harmoniosos,
Neblinas vesperaes, crepusculares,
Guslas gementes, bandolins saudosos,
Plangencias magoadissimas dos ares...

Serenidades ethereaes d'incensos,
De psalmos evangélicos, sagrados,
Psaltérios, harpas dos Azues immensos,
Névoas de céus espiritualizados.

Angelus fluidos, de luar dormente,
Diaphaneidades e melancolias...
Silencio vago, biblico, pungente
De todas as profundas liturgias.

É nas horas dos Angelus, nas horas
Do claro-escuro emocional aéreo,
Que surges, Flôr do Sol, entre as sonóras
Ondulações e brumas do Mysterio.

Surges, talvez, do fundo de umas éras
De doloroso e turvo labyrintho,
Quando se exgóta o vinho das Chiméras
E os venenos romanticos do absyntho.

Apparéces por sonhos neblinantes
Com requintes de graça e nervosismos,
Fulgôres flavos de festins flammantes,
Como a Estrella Polar dos Symbolismos.

N'um enlêvo supremo eu sinto, absôrto,
Os teus maravilhosos e exquisitos
Tons sideraes de um astro rubro e morto,
Apagado nos brilhos infinitos.

O teu perfil todo o meu ser esmalta
N'uma auréola immortal de formosuras
E parece que rútilo resalta
De gothicos missaes de illuminuras.

Resalta com a dolencia das Imagens,
Sem a fórma vital, a fórma viva,
Com os segredos da Lua nas paisagens
E a mesma pallidez meditativa.

Nos extases dos mysticos os braços
Abro, tentado da carnal belleza...
E cuido ver, na bruma dos espaços,
De mãos postas, a orar, Santa Thereza!...



LEMBRANÇAS APAGADAS

Outros, mais do que o meu, finos olfactos,
Sintam aquelle arôma estranho e bello
Que tu, ó Lyrio languido, singéllo,
Guardaste nos teus intimos recatos.

Que outros se lembrem dos subtis e exactos
Traços, que hoje não lembro e não revéllo
E se recordem, com profundo anhélo,
Da tua voz de sideraes contactos...

Mas eu, para lembrar mortos encantos,
Rosas murchas de graças e quebrantos,
Linhas, perfil e tanta dôr saudosa,

Tanto martyrio, tanta magoa e pena,
Precisaria de uma luz serena,
De uma luz immortal maravilhosa !...



SUPREMO DESEJO

Eternas, immortaes origens vivas
Da Luz, do Arôma, segredantes vózes
Do mar e luares de contemplativas,
Vagas visões volupicas, velózes...

Aladas alegrias suggestivas
De aza radiante e branca de albornózes,
Tribus gloriosas, fúlgidas, altivas,
De condôres e de aguias e albatrózes...

Espiritualisai nos Astros louros,
Do sol entre os clarões immorredouros
Toda esta dôr que na minh'alma clama...

Quero vel-a subir, ficar cantando
Na chamma das Estrellas, dardejando
Nas luminosas sensações da chamma.



SONATA

I

Do immenso Mar maravilhoso, amargos,
Marulhosos murmurem compungentes
Canticos virgens de emoções latentes,
Do sol nos mórnos, mórbidos lethargos...

II

Canções, leves canções de gondoleiros,
Canções do Amor, nostalgicas balladas,
Cantai com o Mar, com as ondas esverdeadas,
De languidos e trémulos nevoeiros !

III

Tritões marinhos, bellos deuses rudes,
Divindades dos tártaros abysmos,
Vibrai, com os verdes e ácres electrismos
Das vagas, flautas e harpas e alaúdes !

IV

O' Mar supremo, de flagrancia crúa,
De pomposas e de ásperas realezas,
Cantai, cantai os tédios e as tristezas
Que érram nas frias solidões da Lua...



MAGESTADE CAHIDA

Esse cornóide deus funambulesco
Em torno ao qual as Potestades rugem,
Lembra os trovões, que tétricos estrugem,
No riso alvar de truão carnavalesco.

De ironias o mômô picaresco
Abre-lhe a bocca e uns dentes de ferrugem,
Verdes gengivas de ácida salsugem
Móstra e parece um Satyro dantesco.

Mas ninguém nóta as eoleras horriveis,
Os chaseos, os sarcasmos impassiveis
Dessa estranha e tremenda Magestade.

Do tórvo deus hediondo, atroz, nefando,
Senil, que embóra rindo, está ehorando
Cs Noivados em flôr da Moeidade !



INCENSOS

D'entre o chorar dos trémulos violinos,
Por entre os sons dos orgãos soluçantes
Sóbem nas cathedraes os neblinantes
Incensos vagos, que recórdam hymnos....

Rôlos d'incensos alvadios, finos
E transparentes, fúlgidos, radiantes,
Que elévam-se aos espaços, ondulantes,
Em Chiméras e Sonhos diamantinos.

Relembrando thuribulos de prata
Incensos aromaticos desata
Teu corpo eburneo, de sedosos flancos.

Claros incensos immortaes que exhalam,
Que languidas e limpidas trescallam
As lvas virgens dos teus seios brancos.



LUZ DOLOROSA...

Fúlgem da Luz os Viaticos serenos,
Branças Extrema-Uncções dos hostiarios :
As Estrellas dos limpidos Sacrarios,
A nivea Lua sobre a paz dos fenos.

Ha preludios e canticos e thrênos
Tristes, nos ares êrmos, solitarios...
E nos brilhos da Luz, vagos e vários,
Ha dôr, ha lucto, ha convulsões, venenos...

Estranhas sensações maravilhosas
Percórrem pelos calices das rosas,
Sensações sepulchraes de larvas frias...

Como que occultas áspides fléxiveis
Mórdem da Luz os gérmens inviziveis
Com o tóxico das coleras sombrias...



TORTURA ETERNA

Impotencia cruel, ó vã tortura !
O' Força inutil, anciedade humana !
O' circulos dantescos da loucura !
O' luta, ó luta secular, insana !

Que tu não póssas, Alma soberana,
Perpetuamente refulgir na Altura,
Na Alleluia da Luz, na clara Hosanna
Do Sol, cantar, immortalmente pura.

Que tu não pössas, Sentimento ardente,
Viver, vibrar nos brilhos do ar fremente,
Por entre as chammas, os clarões supérnos.

O' Sons intraduziveis, Fórmãs, Côres !...
Ah ! que eu não póssa eternizar as dôres
Nos bronzes e nos marmores eternos !



INDICE

	<i>Pags.</i>		<i>Pags.</i>
Antiphona	7	Deusa Serena.....	67
Considerações	11	Tulipa Real.....	69
Lésbia.....	13	Apparição.....	71
Mumia	15	Vesperal.....	73
Em sonhos.....	17	Dança do ventre.....	75
Lubriedade.....	19	Fæderis Area.....	77
Monja.....	21	Tuberculosa	79
Christo de bronze.....	23	Flór do Mar.....	83
Clamando.....	25	Dilacerações.....	85
Braços	27	Regenerada.....	87
Regina Cæli.....	29	Sentimentos carnaes...	89
Sonho braneo.....	33	Christaes	91
Canção da Formosura.	35	Symphonias do occaso..	93
Torre de Ouro.....	37	Rebellado	95
Carnal e mystico.....	39	Musica mysteriosa.....	97
A Dôr.....	41	Serpente de cabellos...	99
Encarnação	43	Post-Mortem.....	101
Sonhador	45	Alda.....	103
Noiva da Agonia.....	47	Aerobata da Dôr.....	105
Lua.....	49	Angelus	107
Satan.....	53	Lembranças apagadas..	111
Belleza morta.....	55	Supremo desejo.....	113
Afra.....	57	Sonata.....	115
Primeira communhão..	59	Magestade cahida.....	117
Judia.....	61	Incensos	119
Velhas tristezas.....	63	Luz dolorosa.....	121
Visão da Morte.....	65	Tortura eterna.....	123

TYP. G. LEUZINGER & FILHOS, RUA DO OUVIDOR 31



Fug



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).